



FINTECH SOLIDÁRIA – UM MODELO DE NEGÓCIO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL E INCLUSÃO DA MULHER EM ESPAÇOS PRODUTIVOS

MILA FONTELES BARBOSA FERRREIRA COSTA; RISOMAR GOMES
MONTEIRO; IZABEL CRISTINA BRUNO BACELLAR ZANETI; ANDRÉ LUIZ
PINHEIRO FERREIRA COSTA; LARA BARBOSA FERREIRA COSTA.

RESUMO

A criação de um novo modelo de negócios e a visão desenvolvimentista dos bancos comunitários de desenvolvimento – BCD é justificada pelos problemas percebidos em comunidades de baixo índice de desenvolvimento humano – IDH e dos problemas enfrentados pelas mulheres para o acesso à renda, diante de todos os papéis sociais exercidos por elas. Os BCD, além de serem uma alternativa de acesso ao crédito para comunidades com baixo IDH, que necessitam, além de uma política para seu desenvolvimento sustentável, da manutenção de suas riquezas na própria comunidade, podem suportar as mulheres, ainda em minoria na ocupação dos espaços produtivos e que padecem das dificuldades de acesso ao crédito. Por meio das *fintechs*, a tecnologia da informação se aplica à otimização de processos, características necessárias aos BCD. Diante do exposto, o objetivo geral dessa pesquisa é criar um modelo de negócio que reúna as tecnologias integrativas das *fintechs* e o desenvolvimento inclusivista dos bancos comunitários. Como objetivos específicos propõem-se: discutir as características das *fintechs* e dos bancos comunitários de economia solidária para determinação de pontos fortes e fracos; analisar as características que podem ser adaptadas dos dois modelos de negócios já discutidos anteriormente; defender um novo modelo de negócio, a partir de análise e utilização de ferramenta de gestão para uma *fintech* solidária com foco no desenvolvimento regional sustentável e inclusão das mulheres em espaços produtivos. Foi utilizada, para tanto, a pesquisa descritiva e exploratória, através do estudo de caso do Banco Palmas, BCD em atividade há 24 anos e revisão bibliográfica. Como produto final da pesquisa, discutiu-se sobre a importância do empreendedorismo feminino e apresentou-se, como proposta, a construção de um modelo de negócios para a solução de questões como o desenvolvimento sustentável de comunidades com relativo atraso econômico e que ainda determinam espaço marginalizado às mulheres nos setores produtivos.

Palavras-chave: Economia Solidária; Bancos Comunitários; Empreendedorismo Feminino; Inovação; Microcrédito.

1 INTRODUÇÃO

Os Bancos Comunitários de Desenvolvimento - BCD são instituições financeiras de papel solidário, no apoio econômico às comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano. São estruturados a partir de práticas associativas locais e apresentam-se como uma

alternativa à valorização da produção local, já que preconizam a utilização das riquezas geradas em âmbito também local (FRANÇA FILHO; SILVA JÚNIOR, 2009).

Essa nomenclatura surgiu a partir da experiência do Banco Palmas, fundado em 1998, no bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza/CE que, em razão de suas características, não pode ser enquadrado numa tipologia tradicional, reservada às demais organizações bancárias, por quatro características específicas (REDE, 2006a):

- (i) A coordenação das ações do banco é determinada por uma organização comunitária;
- (ii) Há linhas de microcrédito para produção e consumo local, com juros compatíveis, para geração de emprego e renda na própria comunidade à qual pertence;
- (iii) A concessão de empréstimo, bem como a sua cobrança, é feita com base nas relações de vizinhança, o que sugere um controle mais social do que econômico;
- (iv) Criam-se instrumentos alternativos para incentivo ao consumo local, como cartões de crédito e moeda social, reconhecidos apenas na região de atuação do banco.

Como uma alternativa bem-sucedida, de acordo com França Filho e Silva Júnior (2009), os BCD contam com o apoio das associações locais e aporte financeiro de agentes diversos, além de terem a sua gestão baseada na pouca ou nenhuma experiência de líderes comunitários e demais pessoas residentes na sua região de atuação, informações que geram as seguintes hipóteses:

- 1 - Não há preocupação direcionada à redução dos custos, no que diz respeito a sua estrutura física, de pessoal, matéria-prima e processos;
- 2 - Não há pensamento voltado à otimização dos processos, quanto aos prazos e suficiência de suas etapas;
- 3 - Não há dados de mercado que afirmem a contribuição quanto ao equilíbrio econômico da comunidade em que atua.

Em contrapartida, as *fintechs* surgiram sob uma plataforma de tecnologia e inovação, tendo como ponto de partida o fato de que, para o compromisso financeiro do microcrédito, não há a necessidade de lastreio de grandes instituições financeiras, promovendo uma ruptura de mercado. Os *lending clubs*, ou clubes de empréstimos, utilizam-se da plataforma das *fintechs* para reunir investidores e empreendedores que necessitam de investimentos para seus negócios, ligando as partes interessadas sem a interferência dos grandes bancos.

As *fintechs* e os *lending clubs* são novos modelos de intermediação financeira que surgem em um momento disruptivo da sociedade, que transita entre as relações físicas e virtuais.

Percebendo uma sociedade mais conectada e imediatista, esses modelos não apresentam plataformas financeiras tradicionais para os seus negócios, unindo interessados em ações de cooperação suportados, pela inteligência artificial (LAGARDE, 2017).

Com a inexistência de intermediários, os processos passam a ser mais enxutos e menos custosos para as instituições financeiras eletrônicas, apresentando em seu modelo pontos fortes como a redução dos custos para manutenção de seus processos e a otimização do tempo e dos seus recursos.

Surgem novas hipóteses:

- 4- Por se tratar de startups com aplicações tecnológicas, há como premissa a redução dos custos e padronização de processos;
- 5 - Como há formalização e critérios preestabelecidos em todos os processos, mesmo não havendo a certeza da redução de riscos, os emprestadores ou financiadores de novos negócios detêm maior confiança na gestão da informação;
- 6 - A tecnologia facilita a coleta de dados para avaliação do negócio e da saúde financeira dos empreendedores locais.

Unir os dois modelos, BCD e *fintechs*, na criação de um novo modelo de negócios, com foco no desenvolvimento econômico regional sustentável e inclusão das mulheres em espaços produtivos é o interesse desse estudo. O problema de pesquisa, portanto, é compreendido na observação de uma alternativa sustentável que apresente possibilidades de desenvolvimento regional e que seja instrumento de inclusão das mulheres no empreendedorismo, como porta de acesso à renda, uma vez que as dificuldades em equilibrar vários papéis sociais assumidos por elas as distanciam dos espaços formais de trabalho. O problema pode ser compreendido na seguinte questão: as tecnologias disruptivas poderiam auxiliar no desenvolvimento econômico regional e na gestão dos bancos comunitários, com foco na inclusão das mulheres em ações empreendedoras e no crescimento da economia local, de forma sustentável?

A partir da década de 1980, o empreendedorismo feminino vem sendo discutido e tem proporcionado às mulheres espaços na economia antes não ocupados (ABACI et al., 2015). Paralelamente, as políticas de acesso ao microcrédito, como uma ferramenta de sustentação à atividade empreendedora, apresentam-se como uma alternativa no combate ao desemprego e à pobreza (SAHU et al., 2021).

Segundo Barone, Lima, Dantas e Rezende (2002), o microcrédito é suporte para ações que geram emprego e renda para as populações pobres, apoiando também o enfrentamento à exclusão social, sendo direcionado para apoiar pequenos negócios, geridos por pessoas de baixa renda e não destinando-se ao financiamento do consumo.

As instituições de microfinanças (IMFs) operam sob restrições financeiras significativas. Eles atendem os que não possuem poder de negociação, enfrentam altos riscos de inadimplência, concedem pequenos empréstimos, operam em áreas remotas, usam de intensa mão de obra e se esforçam para reduzir a dependência de subsídios para alcançar a sustentabilidade financeira (AL-AZZAM, PARMETER, 2019, p.1, traduzido pelo autor).

Em essência, o microcrédito pressupõe objetivos sociais e, para tanto, requer que seja direcionado à geração de emprego e renda e ao suporte dos negócios de regiões periféricas e menos favorecidas.

Para que a pesquisa obtivesse os resultados esperados, fez-se necessária a descrição de seus objetivos, conforme itens a seguir.

1.1 Objetivo Geral

Criar um modelo de negócio que reúna as tecnologias integrativas das *fintechs* e o desenvolvimento inclusivista dos bancos comunitários, com foco no desenvolvimento local e no fomento ao empreendedorismo feminino.

1.2 Objetivos Específicos

- (a) Discutir as características das *fintechs* e dos bancos comunitários de economia solidária para determinação de pontos fortes e fracos, para adaptação a um novo modelo de negócios;
- (b) Reconhecer as necessidades financeiras para o acesso do empreendedorismo feminino no mercado;
- (c) Modelar uma nova estrutura de negócio, a partir de análise e utilização de ferramenta de gestão, para uma *fintech* solidária com foco na inclusão das mulheres no empreendedorismo e no desenvolvimento regional sustentável.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para compreensão dos procedimentos eleitos para a investigação, é necessária a descrição das etapas que darão corpo à abordagem metodológica.

A pesquisa propôs a investigação de três objetos para a concepção e modelagem de um novo. Tornaram-se objetos, portanto, os Bancos Comunitários de Desenvolvimento (personificados através de um estudo de caso no Banco Palmas, localizado no bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza/CE, uma vez que já funciona há 24 anos e tem os seus processos e produtos consolidados), o modelo de negócio proposto pelas *fintechs* e *lending clubs* as necessidades financeiras do empreendedorismo feminino.

O método de abordagem utilizado nesse estudo foi tanto indutivo quanto dialético, por partir de uma realidade específica para inferência dos resultados em um campo maior de ação e, ao mesmo tempo, utilizar-se da elaboração de um modelo, a tese, fruto de problemática específica e direcionada para a solução do mesmo questionamento (GIL, 2012). É considerada, portanto, como sendo social aplicada, tendo em vista a sua aplicabilidade e direcionamento a problemas reais (GIL, 2012).

A pesquisa tem ainda caráter descritivo e exploratório, uma vez que passa pelo reconhecimento das nuances já existentes de cada modelo de negócio estudado, mas também discorre sobre a concepção de um novo modelo, a partir do aprofundamento de análise sobre as vantagens e desvantagens dos mesmos. Segundo Gil, a pesquisa exploratória deve “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2012, p.41).

Para o acesso às informações necessárias para o alcance dos objetivos propostos foram necessários, além de um roteiro para a pesquisa bibliográfica, instrumentos específicos para realização de investigação através da observação e análise documental sobre o Banco Palmas. As informações sobre as *fintechs*, *lending clubs* e empreendedorismo feminino aconteceram através de análise documental e bibliográfica.

A pesquisa ainda se debruçou na análise de dados secundários sobre a economia brasileira e local (realidade do Conjunto Palmeiras, em Fortaleza/CE), para entendimento da influência do banco na dinâmica da região.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A modelagem de um novo negócio foi tratada através do Business Model Canvas, ferramenta que utiliza a simplicidade da linguagem comum para descrever, visualizar, analisar e alterar modelos de negócios novos ou preexistentes, através da determinação de nove componentes essenciais a qualquer empreendimento.

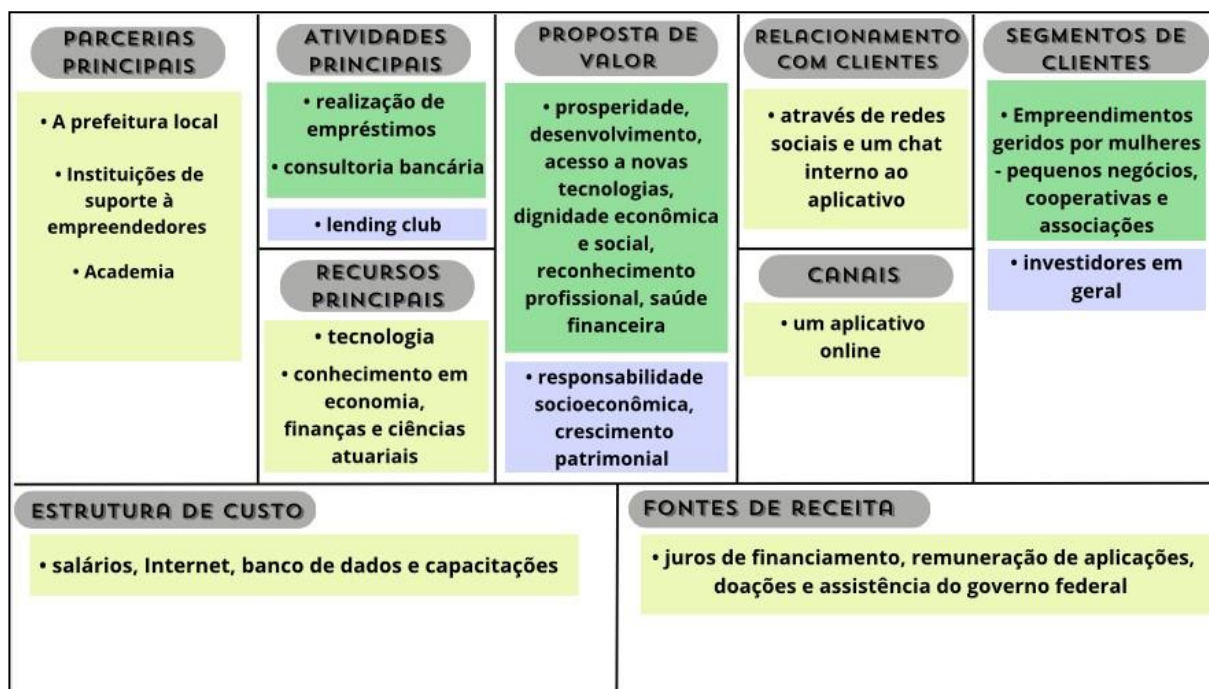
Para a criação do novo modelo proposto como “Fintech Solidária”, foi necessária a delimitação sobre segmentos de clientes, proposta de valor, canais de comunicação, distribuição e vendas, políticas de relacionamento com os clientes, fontes de receitas, principais recursos de trabalho, atividades-chave a serem desenvolvidas, alianças estratégicas e estrutura de custos (OSTERWALDER, PIGNEUR, 2011).

A partir da análise dos dados coletados através da pesquisa de documental, bibliográfica e do estudo de caso, foi possível a estruturação do novo modelo proposto.

Um modelo de negócios auxilia no desenho e articulação de como o negócio pode funcionar e como se pode inserir a prática da inovação em sua estrutura (BURKETT, 2011, p. 4, traduzido pelo autor).

A Fintech Solidária apresenta, portanto, estrutura baseada na tecnologia da informação, que gerencia de forma eficiente informações sobre o fluxo de crédito, gerando relatórios para tomada de decisão e ainda pode facilitar a comunicação e proximidade com os prestadores e tomadores dos serviços ofertados (MACMILLAN, 2018).

Figura 1: Fintech Solidária – Business Model



Canvas. Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

É importante ainda destacar que os resultados do novo modelo de negócios devem impactar a região onde for aplicado em todas as esferas da sustentabilidade.

Quando se pretende alcançar um processo de desenvolvimento que seja considerado sustentável, pressupõem-se ações conjuntas que visem não apenas o aspecto econômico, mas também uma distribuição socialmente justa dos resultados do progresso científico e tecnológico, bem como um processo produtivo que respeite o meio ambiente. É ainda fundamental o respeito à diversidade cultural das sociedades- alvo do processo. (CHACON, 2007, p.124)

4 CONCLUSÃO

Como resultado, a pesquisa apresenta, não apenas um conhecimento aprofundado sobre os temas centrais e adjacentes, mas primordialmente, a construção de um modelo de negócios inovador, pertinente, de possível aplicação e, principalmente, adequado para a solução de questões de natureza desenvolvimentista e sustentável para os mercados com relativo atraso econômico e incentivo ao empreendedorismo feminino.

A pesquisa se propõe ainda a ser continuada preconizando, em momento oportuno, com a possibilidade de avaliação do novo modelo de negócio já em aplicação, para que sejam feitos os devidos ajustes e melhorias, no intuito de torná-lo reaplicável para as mais diversas regiões e grupos que possuam características de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

ABACI, NUR ILKAY; DEMIRYUREC, KURSAT; EMIR, MURAT; YILDIRIM, CAGATAY (2015). *Factors Affecting the Use of Microcredit among Women Entrepreneurs in the Samsun Province of Turkey*. **Anthropologist**, 20 (3); pp. 397- 406.

AL-AZZAM, M., PARMETER, C. **Competition and Microcredit Interest**

Rates: International Envidence. Empir Econ: 2019.

BARONE, F.M., LIMA, P.F., DANTAS, V., REZENDE, V. **Introdução ao Microcrédito.** Brasília: Conselho da Comunidade Solidária, 2002, p.65.

BURKETT, Ingrid. ***Using the Business Model Canvas for Social Enterprise Design.*** Melborne Business School – Knode, 2011.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o Caminho das Águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido.** Fortaleza. Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

FRANÇA FILHO; SILVA JÚNIOR (artigo) HESPANHA, Pedro; et al. **Dicionário internacional da outra economia.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. GRAY, David E. **Pesquisa no Mundo Real.** 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

LAGARDE, Christine. ***Central Banking and Fintech: a brave new world?*** Bank of England Conference – Innovations, n.12, v.1/2. London: 2017.

MCMILLAN, Jonathan. **O Fim dos Bancos: moeda, crédito e a revolução digital.** 1ª ed. São Paulo: Portfólio-Penguim, 2018.

OSTEWALDER, Alexander, PIGNEUR, Yves. ***Business Model Generation – Inovação em Modelos de Negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários.*** Rio de Janeiro, RJ. Alta Books: 2011.

REDE de Bancos Comunitários. **Banco Comunitário: serviços solidários em rede.** Fortaleza: Instituto Banco Palmas, maio 2006a.

SAHU, T. N.; AGARWALA, V.; MAYTI, S. (2021). *Effectiveness of microcredit in employment generation and livelihood transformation of tribal women entrepreneurs: evidence from PMMY.* **Journal of Small Business and Entrepreneurship.** Acess: <https://doi.org/10.1080/08276331.2021.1928847>.